



ARQUITECTURA E VIDA

46 FEVEREIRO  
2004 € 3

**PROJECTO** Iniciativa da ExperimentaDesign  
Os nove auto-silos para Lisboa

**ARQ. PAISAGISTA** Jardim do Poço de S. Vicente, C  
Intervenção no Baixo Alentejo

**ENGENHARIA** Classe de materiais  
As virtudes do aço



# JORGE MARIO JÁUREGUI

## CONSTRUIR A PARTIR DO CONFLITO

### PROJECTOS

Habitação unifamiliar no Penedo, Sintra (João Brandão e Margarida Gomes)

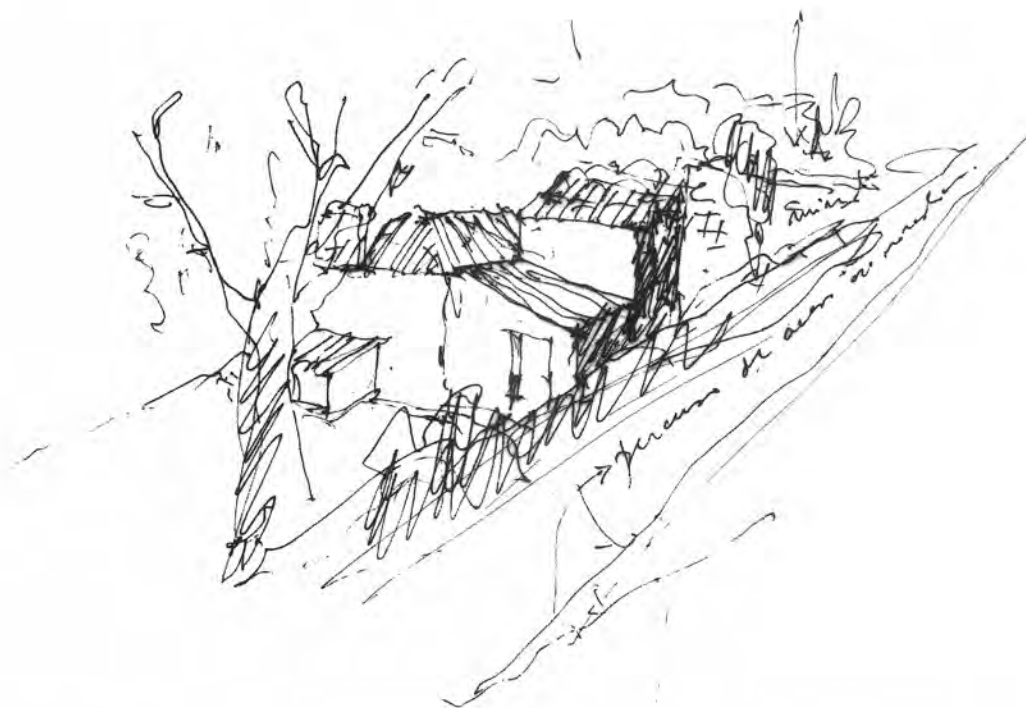
Aldeamento turístico em Ponte de Lima (Jean Pierre Porcher, Margarida Oliveira e Albino Freitas)

Casa em Chanca (Lucinda Bem-Haja e Vítor Murtinho)



5 601073 013512

ANO IV FEVEREIRO 2004 M



## Uma forma de habitar

Os princípios básicos da intervenção assentam na recuperação e ampliação de uma casa e ruína, no Penedo, Sintra, onde, em contexto exemplar e singular de inserção numa aldeia saloia, é ensaiado o saber construtivo da arquitectura tradicional portuguesa. Texto crítico de Maria Tavares arquitecta e fotos de Telmo Miller

**“A imaginação criativa do arquitecto nutre-se do conhecimento profundo do facto arquitectónico em toda a sua riqueza fenomenológica e razão prática, e não apenas das suas propriedades visuais”**

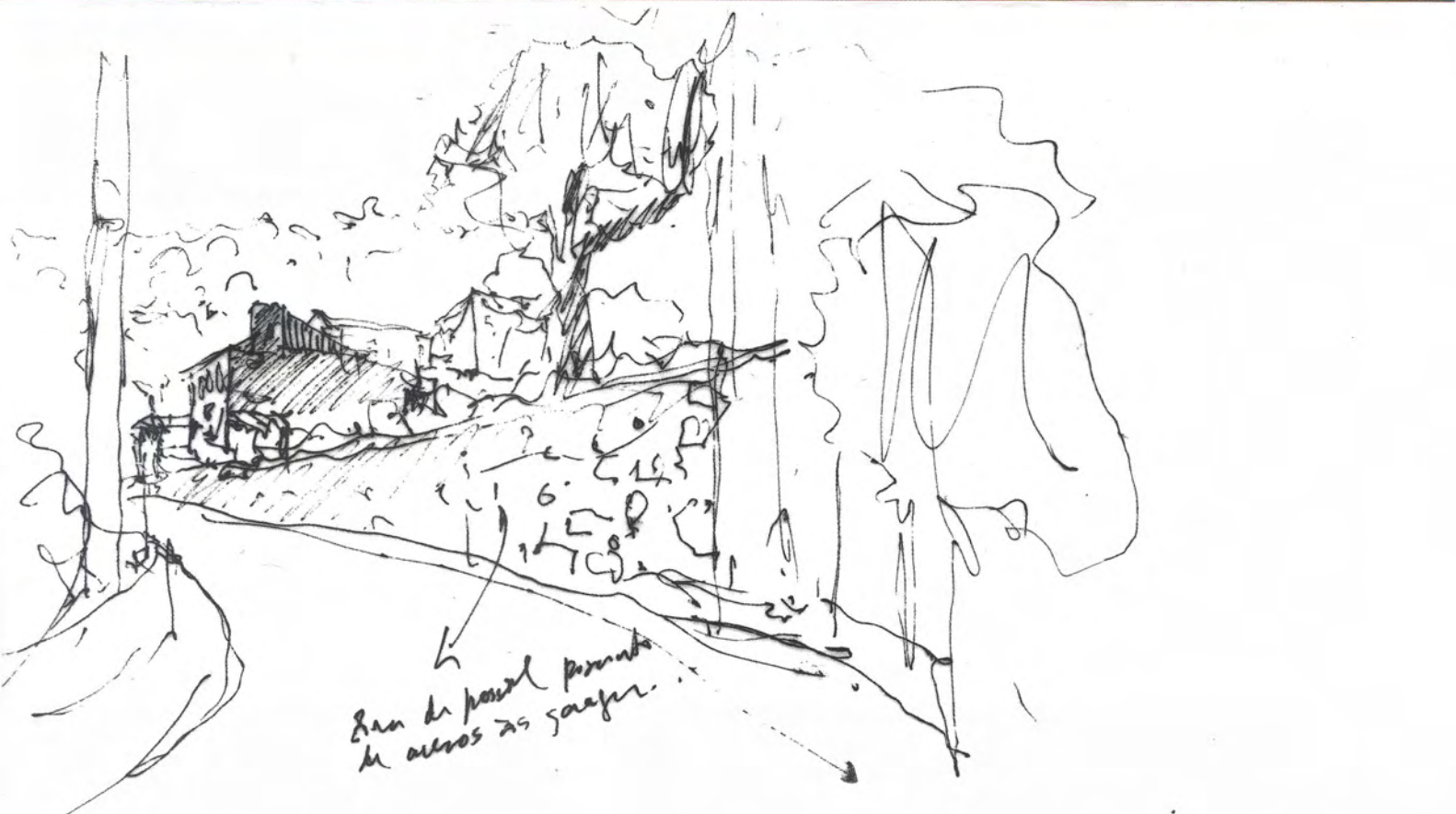
MANUEL TAINHA\*

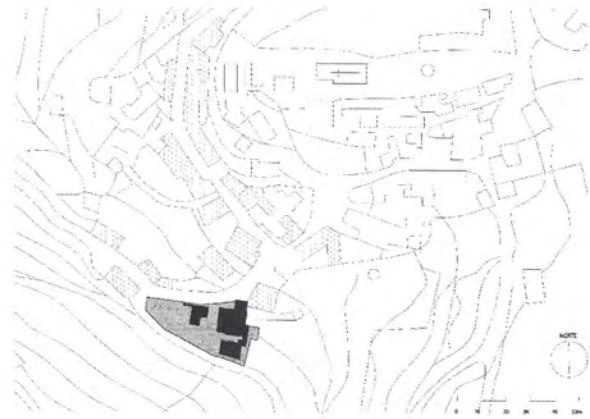
Na produção arquitectónica de uma nova geração de arquitectos portugueses, é no domínio da habitação que se exploram novos conceitos tanto a nível de programas como na sua execução e conceptualização, ensaiando-se novas linguagens, diferentes espacialidades e organizações internas.

Desde sempre encarada como um campo experimental, a habitação permite cada vez mais uma abordagem privilegiada para os arquitectos ensaiarem outros modos de vida, aproximando-se de uma sociedade moderna, com novas exigências espaciais.

Neste contexto, assume particular relevância a obra desta dupla de autores, destacando-se a que aqui se apresenta pela ponte estabelecida entre a modernidade e códigos de natureza vernacular, rendida aos valores fundamentais do lugar, merecendo assim, um conjunto de observações.

Os princípios básicos da intervenção assentam na recuperação e ampliação de uma casa e ruína, no Penedo em Sintra, onde, em contexto exemplar e singular de inserção numa aldeia saloia, é ensaiado o saber construtivo da arquitectura tradicional portuguesa, propondo, no entanto, uma arquitectura moderna, discretamente adaptada à paisagem.





PLANTA LOCALIZAÇÃO



Do espaço existente regista-se uma série de construções desregradas e encaixadas no declive natural do terreno, com uma insólita implantação, não mais do que apropriações feitas ao longo dos tempos conforme as necessidades anónimas, sobre um plateau topográfico contíguo à via principal da aldeia.

Regista-se ainda, a água, seu percurso e som, com uma presença determinante na definição de relações do edificado com o espaço exterior e que, segundo os autores, é "uma preexistência que marca definitivamente o lugar e o projecto".

Dividido em três núcleos distintos, o projecto desenvolve vários ciclos espaciais interligados entre si, não permitindo uma fragmentação ou desmaterialização mas sim uma sucessão de sensações.

Segundo o mestre Manuel Tainha, e todo o seu interesse *pela teoria que participa da prática*, "a imaginação criativa do arquitecto nutre-se do conhecimento profundo do facto arquitectónico em toda a sua riqueza fenomenológica e razão prática, e não apenas das suas propriedades visuais". Leva-nos a considerar um conjunto de propósitos que resultam de variadas impressões produzidas nos sentidos tanto pelo encadeamento de fragmentos de épocas distintas como pelo aspecto cénico do conjunto e sua relação com factores exteriores.

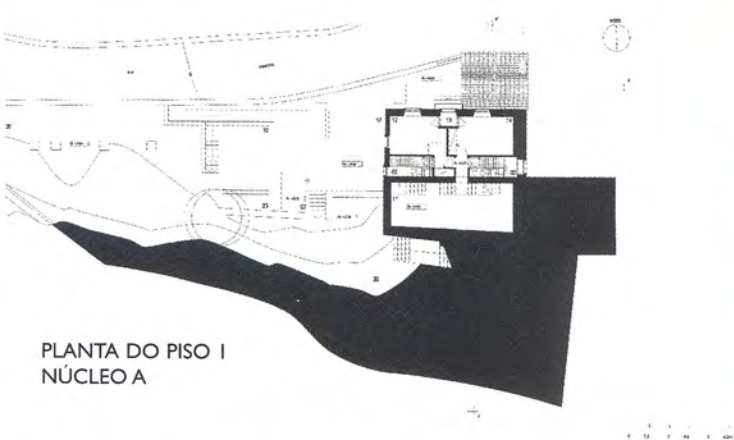
Um primeiro ciclo corresponde à casa principal que, pelo seu melhor estado de conservação, é recuperada, corrigindo, no entanto, intervenções anteriores desajustadas e concedendo-lhe novas articulações e relações dos espaços interiores, propondo novos modos de vida, e permitindo uma grande flexibilidade no uso e articulação dos espaços pelas suas variadas referências com o exterior e pontos de vista.

No *encerramento* deste primeiro ciclo espacial, mais doméstico, surge um outro correspondente à ruína, funcionando como elemento inspirador da intervenção, e que, embora com entrada autónoma, encontra-se assegurada a sua ligação ao primeiro, através de um percurso-ponte sobre a água.

É o momento da redescoberta do espaço exterior; da presença da água, como elementos directores capazes de ordenar a descontinuidade das intervenções.

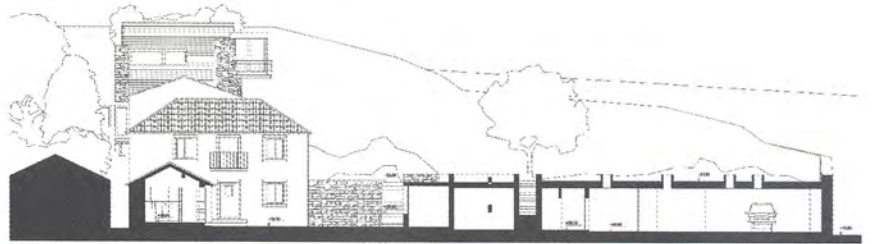


PLANTA DO PISO 0  
NÚCLEO A E C

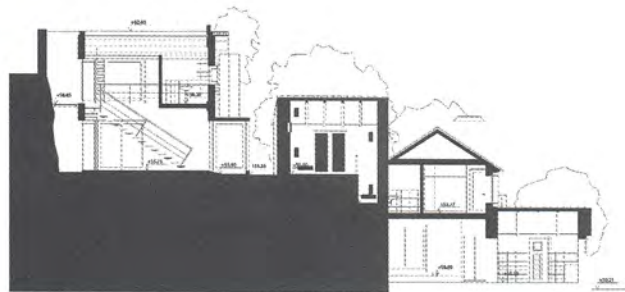


PLANTA DO PISO I  
NÚCLEO A





CORTE AA'



CORTE BB'



Funcionando como um espaço alternativo, verifica-se a intenção de deixar em aberto a leitura da ruína, através da valorização do uso de materiais e justaposição de referências na identidade da linguagem, proporcionando um enriquecimento a todo o conjunto.

O tratamento da luz natural é outro elemento essencial na percepção deste espaço no seu interior; acentuando o aspecto cénico e destacado. Funcionando como um retiro da própria casa, pode existir uma perfeita articulação entre o habitar e o trabalhar num mesmo edifício.

Manteve-se, assim, o testemunho da ruína, alargada espacialmente pelo uso do vidro e relações interior/exterior, valorizando o espaço.

O segundo ciclo termina num miradouro interior sobre o jardim, a envolvente e o mar; libertando toda a construção para a envolvente, concedendo-lhe um carácter humano, e que, mesmo ao condutor mais distraído que circule na rua contígua, não passa despercebido.

O terceiro núcleo edificado, o terceiro ciclo, independente desta estrutura habitacional, integra-se exemplarmente no conjunto. Local destinado a apoio, com garagem, tratamento de roupas, estendal, zona de churrasco e espelho de água, funciona à sua superfície como um pátio contemplativo, zona de estar e de continuidade visual de toda a área habitacional.

Esta área é escavada no terreno original, sendo mais uma vez evidente o respeito pelo lugar e seus materiais: recorre-se ao ajardinamento das coberturas, mantendo a cota original do terreno, e a pedra proveniente das escavações é utilizada na obra, explorando novas relações entre materiais.

A arquitectura relaciona-se com o espaço público e com a singularidade da paisagem e do sítio.

A qualidade desta arquitectura é uma qualidade humana, com ingredientes poéticos, conciliados com flexibilidade e modernidade. Uma arquitectura clara e desinibida, assumindo uma posição de contemporaneidade.

Assim se supera as limitações de uma modernidade, que consiste em harmonizar uma base cultural de natureza popular; como o projectar de novas formas, adaptadas a uma nova sociedade moderna. ■

(\*) TAINHA, Manuel, *Textos do Arquitecto Manuel Tainha*, Estar Editora, Lisboa, 2000